

EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA - UM OLHAR PARA AS SALAS DE REFERÊNCIAS II DA CEI. FRANCISCA ARRUDA DE PONTES

Antonia Zeneide da Silva Andrade 1
Neisse Evangelista da Costa Souza 2
Geranilde Costa e Silva³

RESUMO

A vida das crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), seja no meio social, seja na escola vem acompanhada de muitos desafios e julgamentos. E quando se refere ao processo de ensino e aprendizagem, fica para o professor a dinâmica de construir estratégias que possibilitem a evolução social desse ser. Assim pode se pensar que a Educação Especial na perspectiva de uma educação inclusiva está associada a ideia de uma educação para todos e no respeito à vida de cada indivíduo, com o intuito de possibilitar a integração e a interação dos educandos no contexto educacional. O presente trabalho visa identificar como acontece a inclusão de crianças com Necessidades Educacionais Especiais nas salas de referência II da educação infantil. A pesquisa é do tipo qualitativa descritiva com procedimentos bibliográficos e de campo, realizada com professores e Agente de desenvolvimento infantil que trabalham com crianças de 2(dois) anos. Constata-se na pesquisa que incluir vai além de integrar os alunos com NEE às turmas, é preciso garantir o engajamento e o aprendizado por meio de atividades diversificadas e potencialmente adequadas, atendendo assim, cada especificidades.

Palavras-chave: Inclusão, Educação Infantil, Escola

INTRODUÇÃO

No atual cenário educacional o tema educação especial inclusiva vem sendo bastante debatido nos espaços educacionais, nacionais e internacionais. É antenado nessa discussão que este trabalho tem o propósito de se construir uma educação que acolha as especificidades de cada criança na busca de se construir uma educação de qualidade e homogênea que contemple todas as formas de aprendizado.

Promover educação para todos é um desafio mundial, mesmo com os avanços dos últimos anos, muitas crianças e jovens ainda estão fora das salas, isso se dá por vários motivos como por questão de gênero e classe social e raça e por terem especificidades como é o caso das pessoas com deficiências. De modo que:

Nos últimos 15 anos, houve progressos significativos em todo o mundo na expansão do acesso à educação, particularmente no nível primário. No entanto, os números mais recentes da UNESCO indicam que cerca de 263 milhões de crianças e jovens com idade entre 6 e 17 anos, na maioria meninas, não frequentam a escola atualmente (UNESCO, 2016). Projeções indicam que 25 milhões dessas crianças nunca entrarão em uma sala de aula. Existem significativas disparidades de gênero, em que meninas representam dois terços do número total de crianças fora da escola (UNESCO, 2019, p.12)

1 Graduada do Curso de da Pedagogia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, zeneideandrade@gmail.com;

2 Mestra pelo Curso de Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, neissesouza18@gmail.com;

3 Professor orientador: Doutora, Geranilde Costa e Silva, geranildecostaesilva0@gmail.com.

Segundo a UNESCO as crianças de países em desenvolvimento são mais penalizadas nestes processos de escolarização e têm mais chances de reprovação ou de não concluírem o ensino básico.

Em se tratando dos países mais desenvolvidos existe a questão da migração onde crianças e jovens estrangeiros ficam de fora das instituições de ensino.

Já no texto da educação especial inclusiva as crianças com deficiência estão entre os grupos mais vulneráveis e marginalizados, isto acontece por vários fatores e por não existir uma política social unificada voltada para esse público cada país cria suas próprias formas de incluir essas pessoas no sistema educacional. Dessa forma algumas vezes esses sistemas mais excluem do que inclui as pessoas com necessidades educacionais especiais no universo escolar.

Talvez por ser um grupo vulnerável as pessoas buscam ajudar as Crianças com deficiência não porque os vejam como seres humanos com igualdade de direitos a educação, mas por sensibilidade, abraçando a causa e na intenção de que alocar junto aos demais seja uma forma de estar realizando a inclusão.

Portanto tem se tornado um desafio inclusão de crianças e jovens em cada lugar e assim não pode ser afirmado que nos países mais ricos pelas crianças terem acesso às escolas, não caracteriza inclusão pois a grande maioria sai sem nenhuma qualificação.

Desta forma é percebido que as políticas públicas variam no que se refere a educação especial inclusiva. Nesta dinâmica em alguns lugares a inclusão realmente existe, mais em outra, as crianças com necessidades frequentam escolas comuns, mas continuavam sendo tratados como pessoas diferentes o que faziam com que elas ficassem longe das experiências educacionais comuns para todos. Essa forma excludente fazia com que as pessoas com necessidades especiais desistissem de frequentar os espaços educacionais, pois, para eles as formas de ensino não acrescentavam nada em suas vidas.

A ideia da educação inclusiva tem em sua essência a socialização de crianças e jovens no universo escolar onde todos possam compartilhar suas experiências de aprendizagens, cada um com suas especificidades, pois cada ser humano desenvolve suas próprias formas de aprendizagens.

Durante muitos anos percebemos e nos deparamos com pessoas que tem ou passa a ter dificuldade de aprender a ler, escrever, entender ou resolver com praticidade muitas situações simples da vida.

A literatura e as histórias contadas pelos mais antigos demonstraram que durante muito tempo, uma pessoa que apresenta o quadro supracitado, é alguém considerada frágil, que não consegue realizar todas as atividades de uma pessoa dita normal, por possuir certas limitações.

Assim, por desconhecimento, ao saírem nas ruas, recebem várias denominações tais como doidos, retardados, débeis etc. Já na escola, essas mesmas pessoas, além da denominação citada, também são taxadas de burros, aqueles que não tem a mesma capacidade de raciocínio da maioria dos alunos da turma.

A dificuldade de aprendizagem impede os alunos de ter acesso e permanecer no centro do conhecimento ficando a margem e fora do processo do ensino aprendizagem, sendo que essa exclusão está presente na escola e diversos espaços da sociedade.

Considerando essas dificuldades, o Município de Redenção – Ce selecionou estudantes de nível superior, cuja função na prática dentro da escola é auxiliar os professores que têm alunos com necessidades especiais, facilitando a mobilização e aprendizado dos alunos com deficiências.

Nesse acompanhamento percebemos na sala de aula que o desafio dos docentes em planejar e atender todos alunos, os ditos normais e os alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Também, a preocupação e ansiedade dos pais para que seus filhos aprendam e se envolvam com as atividades desenvolvidas em sala de aula. E dentro desse processo vemos que os alunos são indiferentes a maioria dos conteúdos ministrados e das ações trabalhadas na sala de aula.

Percebe-se que a forma como a escola vê e trata a inclusão é algo que necessita ser revisto; uma vez que “incluir” não é somente o aluno fazer parte de uma turma e está dentro de um espaço escolar, mas sobretudo participar desse processo escolar, é estar contemplado nos métodos e planejamentos orientados para aquele nível, de forma a obter um desempenho social significativo, capaz de chegar a uma educação de qualidade.

A sociedade atual necessita de um sistema de ensino que se volte de forma especial para o exercício de práticas pedagógicas que desperte para a diversidade e respeite as diferenças, transformando o ensino em uma educação inclusiva.

Contudo se observa nos docentes um despreparo para envolver a todos os discentes no dia a dia da prática educativa de todos os níveis e modalidades, incluindo as crianças da educação infantil.

Ao abordar a temática da educação inclusiva temos a pretensão de instigar os docentes a refletirem sobre o processo de ensinar e aprender que envolva e atinjam a todos os estudantes, vislumbrando estratégias de aprendizagens inclusiva com possibilidades de serem desenvolvidas dentro das salas de aulas das escolas, no entendimento do percurso e desafios encontrados nesse processo inclusivo. Dessa forma, esta pesquisa tem como pergunta central

saber como acontece a inclusão de crianças com Necessidades Educacionais Especiais nas salas de referências II buscando fazer uma reflexão a partir da temática educação especial inclusiva.

Sentindo a necessidade de ampliar a visão sobre conceitos antigos voltados para a educação especial inclusiva no contexto educacional reconhecendo que o princípio da inclusão não consiste em juntar todos num único espaço, mas desenvolver práticas pedagógicas amplas, eficazes que elevem a todos para um outro nível de aprendizado.

Em face dessas discussões e na tentativa de aprofundar essa temática a pesquisa tem como objetivo geral: Identificar como acontece a inclusão de crianças com Necessidades Educacionais Especiais nas salas de referência II da educação infantil buscando fazer uma reflexão a partir da temática Educação Especial Inclusiva.

Na perspectiva de responder de forma representativa a esse estudo pretende-se de forma mais específica: conhecer as concepções docentes a respeito da educação especial inclusiva, refletir sobre a inclusão de crianças especiais na educação infantil e identificar possíveis avanços e as dificuldades acerca da promoção da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

A pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e de campo por meio dos instrumentais utilizados visa coletar as informações através de um questionário com questões objetivas e subjetivas aplicadas aos docentes das salas de referências II da escola Educação Infantil Francisca Arruda de Pontes, e por meio desse instrumental tem-se a pretensão de conhecer o pensamento docente do que seja inclusão, refletir o processo de inclusão dos alunos da educação infantil com necessidades especiais e registrar as dificuldades e avanços dentro desse processo inclusivo. Assim:

O elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de papel (pesquisa bibliográfica e pesquisa documental) e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas (pesquisa experimental, pesquisa *ex-postfacto*, o levantamento, o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante) (PRODANOV, FREITAS, 2013, p. 54).

A atividade de campo é a atividade executada onde o fenômeno estudado ocorre, englobando coleta e registro de dados cujo:

(...) objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los (PRODANOV, FREITAS, 2013, p. 59).

A Pesquisa de campo tem o intuito de aprofundar os estudos nas questões que se colocam para serem pesquisadas, com propostas de descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário com perguntas objetivas e subjetivas por meio do google forms e disponibilizadas a (6) seis participantes que trabalham no CEI Francisca Arruda de Pontes que aceitou participar da pesquisa: a Diretora, a coordenadora pedagógica, (2) duas Agente de Desenvolvimento Infantil (ADI) e (2) duas professoras.

O formulário online foi composto por 3 etapas: na primeira os entrevistados apresentaram o seu perfil. Na segunda etapa responderam sobre a formação e projetos desenvolvidos na escola e na terceira a visão sobre o assunto em estudo.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

De posse dos dados coletados é vislumbrando as respostas dos 6 (seis) participantes da pesquisa sendo analisada as questões e organizada por partes considerando as categorias: caracterização docente, formação do docente e visão docente sobre o assunto estudo.

Observando o instrumental, as respostas serão apresentadas sem citar os nomes dos participantes, preservando suas identidades e identificando-as por professor seguido de um numeral.

As respostas das categorias são registradas de forma fidedigna, descrevendo as concepções dos sujeitos participantes, conforme seus entendimentos do assunto em destaque.

Na parte 1 que trata do perfil dos participantes, foi apresentado opções para marcar a opção que melhor lhe representa quanto a idade, sexo, raça e identificar a localidade onde reside.

Todos os participantes se declararam ser do sexo feminino com idade que variou entre 19 a 56 anos.

Segundo (UREL,2012. p.4), “a história da educação infantil no Brasil nos remete ao surgimento das creches, vinculadas à história da mulher trabalhadora, caracterizando-se como uma instituição substituta do lar materno”.

Ao tratar com os participantes sobre identificação de raças, houve um distanciamento entre negros e brancos: 83,3% (oitenta e três por cento) diz ser negros e 16,6% (dezesesseis por cento) se consideram pessoas brancas. Essa porcentagem vem evidenciar que nos últimos anos os brasileiros estão aderindo à condição de negro.

Essa porcentagem vem evidenciar que nos últimos anos os brasileiros estão aderindo à condição de negro. Apesar de muitos brasileiros estarem se considerando negros como é o caso

das professoras das salas de aula do infantil II do CEI Francisca Arruda de Pontes, o racismo e o preconceito ainda se fazem presentes em muitos lugares.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010), 56% da população se declara como preta ou parda. Apesar disso, os negros são tratados como minoria e sentem de forma cotidiana o racismo. Não estão representados no mercado de trabalho, na educação e sofrem mais com a desigualdade social.

Na segunda parte da pesquisa busca coletar dados a respeito de suas formações e projetos desenvolvidos na escola. Indagados sobre a formação ficou evidenciado que todos os professores tem pedagogia, exceto 1 que assume a função de ADI que é graduanda do curso de humanidades.

Assim, das participantes 83,3% tem graduação em Pedagogia e apenas 16,7 está se formando em humanidades, podendo inferir com os resultados expostos todos os professores que responderam questionário, apesar de possuírem outras graduações tem base na Pedagogia, conforme preconiza (BRASIL, 2017):

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Quando se trata de tempo na docência, ficou numa escala entre um ano e seis meses e 30 anos. Já quando se refere à atuação docente na escola Francisca Arruda de Pontes varia de 6 meses a sete anos.

Apesar da maioria serem formados para atender aos estudantes daquele nível e possuir algum tempo na escola como educador, 66,7% dos participantes atuam como contratados e apenas 33,3% são efetivos e/ ou estão em estágio probatório.

No último item da parte 2 teve a intenção de saber se os pesquisadores fizeram alguma formação sobre Educação Inclusiva de alunos com NEE.

Os participantes da pesquisa em sua maioria fizeram ou estão fazendo curso voltado para a educação inclusiva. As formações foram realizadas de forma on-line, outras em componente curricular e presencial no momento em que está sendo realizado a pesquisa, sendo verificado também que o que foi feito em mais tempo consta de 2 anos. Assim dos 6 investigados apenas dois desses participantes não têm formação alguma na área. É preciso entender que na prática o processo de inclusão vai além do conhecimento sobre o assunto,

[...] não se trata de formar um professor centrado na discussão dessa temática com bases na disfunção, ou nas causas orgânicas da deficiência, mas, sobretudo, essa formação precisa abordar as discussões sobre a diferença, sobre o OUTRO, sobre as

diferentes formas de se tornar humano e aprender no mundo. (SILVA; RODRIGUES, 2011, p. 64)

Constata-se que, apesar da educação especial inclusiva estar em foco desde da década de noventa, a maioria dos professores ainda não conseguiram acompanhar esse fenômeno chamado educação especial inclusiva. São poucos profissionais que possuem uma formação específica na área; os docentes ainda estão se adaptando a este novo modelo de educação.

De acordo com as respostas dos entrevistados, a maioria já teve alguma experiência sobre o que é educação especial inclusiva, e já participaram de cursos e até pós-graduação na área da educação especial inclusiva, como já mencionado na questão anterior.

As escolas precisam estar preparadas para atender a todos os alunos, sem distinção e isso implica diretamente na educação para crianças com NEE. Mesmo com os avanços na qualificação dos professores que atuam na educação infantil e conseqüentemente na educação de jovens e adultos da educação especial e inclusiva, a porcentagem de professores com qualificação nesta área ainda deixa a desejar. Os autores Arruda e Almeida (2014) expõem que “Dos 2,3 milhões de professores brasileiros, apenas 55 mil se dedicam à Educação Especial (2,4%), 77,8% com formação específica na área e 47% escolas regulares (53% em escolas especiais)” (ARRUDA; ALMEIDA, 2014, p.8).

Na terceira parte do questionário no intuito de compreender, mas sobre o assunto lançamos a seguinte pergunta. O que você entende sobre educação especial inclusiva? Os participantes responderam:

Entendo que todos somos diferentes. E sobre a educação inclusiva, entendo que todos temos os mesmos direitos, mas dentro da equidade, ou seja, que estejamos incluídos sendo garantido direitos específicos respeitando as particularidades, singularidades. Portanto educação inclusiva quer dizer ninguém de fora, mas cada um sendo atendido com equidade. (professor 1)

Entendo que educação inclusiva é uma realidade necessária.(Professor2)

Garantir um ensino de qualidade a todos os alunos com algum tipo de necessidade especial, além de proporcionar um ambiente acolhedor onde favoreça a convivência com a diversidade entre todos os alunos. (Professor 3)

O ato de incluir a criança de forma prazerosa e respeitosa na sociedade. (Professor 4)

Uma educação que consegue acolher todos dentro de suas limitações, usando da equidade. Mas com o mesmo propósito para todas as crianças, de uma forma igualitária. (Professor 5)

Que não é só colocar a criança em sala de aula, é trabalhar a socialização com as outras crianças na roda de conversa, trabalhar suas dificuldades com jogos, brincadeiras. (professor 6).

Observando as respostas registradas pelos participantes, percebe-se que quando se trata de educação inclusiva entendem que está relacionada a equidade, respeito às particularidades dos alunos e que a educação inclusiva apresenta em suas características uma escola que acolhe, integra, manifestando a todos o direito de aprender, mesmo os que têm limitações.

A educação especial inclusiva tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e jovens com necessidades especiais. Esta forma de educação tem por finalidade a função de estabelecer mecanismo que inclua todas as crianças no universo escolar, sem fazer categorização e criando estratégias de inclusão de acordo com as necessidades de cada aluno. No entanto[...]

[...] Espera-se da escola inclusiva competência para desenvolver processos de ensino e aprendizagem capazes de oferecer aos alunos com deficiência condições de desenvolvimento acadêmico que os coloque, de forma equitativa, em condições de acessarem oportunidades iguais no mercado de trabalho e na vida. o que inclui a todos sem distinção. (UREL, ANO 2012, p 3-4).

Na sequência da pesquisa foi interrogado aos participantes se em suas salas de aula é desenvolvido atividades voltadas para as crianças com deficiências, e na mesma questão citar as atividades caso houvesse marcado sim. As respostas a essas indagações são as seguintes:

Não estou em sala de aula, mas nesta instituição as professoras são orientadas a prepararem atividades específicas que garanta o alcance da necessidade de cada criança laudada em sua sala de referência. E nas outras experiências que as crianças deficientes sejam incluídas dentro de suas condições. (professor 1).

Não estou em sala de aula: Mas nesta instituição temos sim atividades voltadas para crianças com deficiência. (Professor 2).

Não exatamente. (Professor 3)

Sim, em partes. (Professora 4)

Sim, trabalhamos mais com atividade lúdica para que todos possam participar. (Professor 5)

Sim. (professor 6).

Os participantes da pesquisa registraram em suas respostas que realizam atividades em sala voltadas para as crianças com NEE, no entanto não citaram nenhuma tarefa que comprovasse tal ação. Alguns não tem certeza de que as atividades feitas em sala atinjam essas crianças quando em seu comentário aparecem frases do tipo: “não exatamente”, “sim, em partes”.

As atividades pedagógicas e educativas devem ser compatíveis com as NEE dos alunos. As atividades devem ser planejadas devendo desenvolver as atividades lúdicas, as de socialização, integração, regras, rotinas, material concreto que facilite a vivência e aprendizagem no dia a dia.

Assim, para que a inclusão se efetive os professores precisam investir nas potencialidades de aprendizagem de seus alunos, atendendo às suas necessidades e propondo atividades que favoreçam o seu desenvolvimento. Porém, como na maioria das vezes não há um perfil único da deficiência, é necessário um acompanhamento individual e contínuo, tanto da família como do docente e até de outros profissionais. (SILVA E RODRIGUES, 2011, p. 62).

A última pergunta da parte 3 solicitava aos participantes citar quais os avanços e as dificuldades encontrados para realizar um trabalho inclusivo na sala de aula.

As respostas foram as seguintes:

Dificuldades ainda há por parte de família que não colaboram na educação dessas crianças, alguns profissionais que não acompanham com formação específicas para tal. (professor 1)

Temos hoje alguns avanços como: A lei que garante um cuidador para crianças com deficiência e equidade na educação. Como dificuldades ainda temos o tabu, e a falta de conhecimentos específicos por parte de algumas famílias e sociedade (Professor 2)

Falando pela escola que trabalho o avanço no aspecto que a criança que tem alguma necessidade especial tem um "cuidador" que na qual auxilia nas atividades, e em outros afazeres em sala de aula, pois na maioria das vezes o professor não consegue dar atenção que o aluno necessita por conta da demanda dos outros alunos, já que as turmas são bem numerosas, em relação às dificuldades ainda são muitas a citar a falta de material e recursos para os alunos que necessitam de um cuidado maior. A falta de formação adequada dos professores entre outras coisas. (professor 3)

Falta de conhecimento, falta de materiais, falta de informações continuadas, e apoio familiar etc.(Professor 4)

A maior dificuldade hoje é com as crianças que ainda não tem laudo e conseqüentemente não tem cuidador. Que ajudaria a trazê-los ainda mais para as atividades propostas e a interação com as outras crianças. (Professor5).

Está melhor que temos o apoio dos cuidadores para auxiliar as crianças, as dificuldades são os pais não aceitarem que a criança precise de cuidados especiais. (Professor 6).

Analisando esse último questionamento dos pesquisados pode ser visto em seus relatos dificuldades como o tabu que ainda existe, desconhecimento da deficiência por parte dos pais, a falta de colaboração da família na escola em relação ao acompanhamento do filho, a falta do acompanhamento de alguns profissionais, ausência de material, recursos e formação adequada para os professores.

Um dos pontos positivos que chamou mais atenção foi a questão da presença do estagiário cuidador, que foi mencionado em quase todas as falas como sendo avanço para a educação especial inclusiva. Observando os registros, os professores comentam que poder contar com o auxílio do estagiário bolsista - cuidador dos alunos especiais faz toda a diferença na visão dos docentes e ADIs.

Entretanto, conforme se caracteriza a deficiência do aluno, para garantir sua inclusão escolar pode ser necessária a presença de um cuidador, ou seja, de uma pessoa que o

acompanhe de forma mais individualizada no ambiente escolar, em sua mobilidade, necessidades pessoais e realização das tarefas afins. (BRASIL, 2014, p.1).

Os participantes citaram que além de contar com a figura do bolsista cuidador, as famílias e a escola também recebem atendimentos dos profissionais da saúde que atendem essas crianças de forma gratuita com consultas com psicólogos e psicopedagogos e psiquiatras. podendo perceber que os estudantes ao ser atendido por essa equipe e são diagnosticados, são fornecidos laudos que dá direito a ter o bolsista cuidador em sala e receber outros benefícios. mas se percebe também que as dificuldades estão muitas vezes na aceitação dos pais com relação aos diagnósticos dos filhos, e também na falta de preparação/não formação do professor nesta área.

Se percebe nos registros, que os professores e instituições de ensino ainda não estão preparados para receber essa demanda de crianças com necessidades especiais em suas salas, existem salas com dois ou mais crianças com deficiência o que sobrecarrega o professor pois este terá que produzir um plano de aula que contemple as especificidades de cada um, e que na prática é quase que impossível, considerando que eles já terão que dá de conta da classe toda e que na sua grande maioria são bem numerosas.

A falta de recurso é outro problema registrado pelas professoras e diante de todos esses pontos positivos e negativos podemos concluir que nem a escola, nem os docentes sabem lidar com essa clientela que vem a cada dia se fazendo presente nas instituições educacionais exigindo estruturas, recursos e formação para integrar esses estudantes de forma qualitativa e como a temática exige.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura ao longo desse estudo vem mostrando que a inclusão começa a partir do princípio de que a educação é um direito humano básico e o fundamento para uma sociedade mais justa. Para aprofundar melhor esse estudo foi realizado a pesquisa com a temática educação especial inclusiva - um olhar para as salas de referências II da CEI. Francisca Arruda de Pontes e busca identificar a ocorrência da inclusão especial nas salas de referência II da Educação Infantil. Para ampliar a discussão e tentar responder essa inquietação buscou-se primeiramente conhecer as concepções docentes a respeito da educação especial inclusiva.

Logo foi observado que incluir vai além de integrar os alunos com Necessidades Educacionais Especiais às turmas, é preciso garantir o engajamento e o aprendizado por meio de atividades diversificadas e potencialmente adequadas, atendendo assim, cada especificidades.

Assim pode se pensar que a Educação Especial na perspectiva de uma educação inclusiva está associada a ideia de uma educação para todos e no respeito a vida de cada indivíduo, com o intuito de possibilitar a integração e a interação dos educandos no contexto educacional.

Diante da necessidade e da vivência voltado para a inclusão, a reflexão sobre a inclusão de crianças especiais na educação infantil deve ser uma prática constante que se expresse no dia a dia da sala de aula por meio de estratégias que facilitem a aprendizagem de todos, inclusive dos alunos com NEE.

Considerando o processo de inclusão, foi possível identificar avanços e as dificuldades apontadas pelos participantes por meio da pesquisa. Os pais se recusam a aceitar que o filho é especial, por preconceito, ou desconhecimento dos fatos, e assim pouco colabora com a escola no sentido de ajudar os seus filhos a se desenvolver.

A escola, bem como os professores não toma conhecimento e não lhe é participado do acompanhamento desses estudantes com NEE por profissional externo à instituição, há ausência de material, recursos e formação adequada para os professores.

Diante de alguns pontos elencados como dificuldade para lidar com esse público em sala de aula pode-se concluir que nem a escola, nem os docentes sabem lidar com essa clientela que vem a cada dia se fazendo presente nas instituições educacionais exigindo estruturas, recursos e formação para integrar esses estudantes de forma qualitativa e como a temática exige.

O fazer pedagógico na prática, a forma de ensinar e aprender é um elemento importante para a inclusão escolar na educação infantil. Para tanto deverá se constituir pela junção do conhecimento adquirido pelo professor ao longo de sua trajetória e da disponibilidade em buscar novas estratégias considerando a diversidade dos alunos e as suas características individuais.

Pelas respostas observadas na pesquisa se percebe que a inclusão está sendo efetivada aos poucos, à medida que a visão sobre esse assunto vai sendo ampliada a depender das discussões favorecidas, dos estudos realizados ao se planejar os projetos políticos pedagógicos e dos cursos de formações que vão sendo oportunizados a esses professores.

O cuidador escolar tem um papel fundamental no processo de inclusão do estudante com alguma deficiência física, intelectual e/ou transtorno específico, pois o auxilia nas atividades de alimentação, higiene e locomoção e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária à sua presença. Dessa forma foi uma figura muito bem destacada pelos professores nesse processo de adaptação, interação e aprendizagem.

Diante disso, entende-se que não basta garantir o acesso destes estudantes à escola regular, é necessário o apoio ao docente para que esta inclusão aconteça garantindo-se a equidade no atendimento pedagógico. Isso requer uma formação docente que envolve para além do respeito, a compreensão da diversidade.

Assim, para que a inclusão se efetive os professores precisam investir nas potencialidades de aprendizagem de seus alunos, atendendo às suas necessidades e propondo atividades que favoreçam o seu desenvolvimento. Porém, como na maioria das vezes não há um perfil único da deficiência, é necessário um acompanhamento individual e contínuo, tanto da família como do docente e até de outros profissionais.

Em vista disso a inclusão no ensino infantil vem se ampliando e alcançando outros níveis de escalas, percorrendo degraus que merecem uma preparação especial por parte dos docentes e profissionais. A perspectiva é que todas as pessoas tenham o direito à convivência, nos mesmos espaços, com igualdade de oportunidades para que se alcance uma atenção ao diferente e melhor acolhimento a esses estudantes.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Marco Antônio & ALMEIDA, Mauro de. (2014) – coordenadores do projeto. Comunidade Aprender Criança. Cartilha da Inclusão Escolar: inclusão baseada em evidências científicas (Ed. Instituto Glia, 2014).

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 24/06/2023.

BRASIL, Projeto de LEI 228 do ano de 2014. Regulamenta presença de Cuidador Escolar. Disponível em: <http://www.camara.leg.br/sileg/integras/832529.pdf> Acesso em: junho de 2023.

Manual para garantir inclusão e equidade na educação. – Brasília: UNESCO, 2019. 47 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, L. C. & RODRIGUES, M. M. (2011). Políticas públicas e formação de professores: vozes e vieses na educação inclusiva. In C. Dechichi, L. C. Silva, & J. M. Ferreira (Orgs). Educação Especial e inclusão educacional: Formação profissional e experiências em diferentes contextos. Uberlândia, MG: EDUFU. Disponível: <file:///C:/Users/mayck/Downloads/universidade-e-inclusao-a-experiencia-do-nucleo-de-pesquisa-e-estudos-em-educacao-especial-e-inclusao-nupespi-com-a-formacao-profissional.pdf>. acesso em <20 de jun 2023.

UREL. Relma Carbone Carneiro. EDUCAÇÃO INCLUSÃO INFANTIL Universidade Estadual Paulista (Unesp – Araraquara) ... São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.